



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Letras e Artes
Faculdade de Letras

As raízes hipocráticas da *salubritas* vitruviana

Lucia Florez
(DRE - 120031941)

Monografia apresentada à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como quesito parcial para a obtenção do título
de Licenciado em Letras (Português-Latim)

Orientador: Prof. Doutor Henrique F. Cairus

UFRJ, 2024

FOLHA DE AVALIAÇÃO

FLOREZ, Lucia M. L. P. As raízes hipocráticas da *salubritas* vitruviana. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2024.

Banca Avaliadora:

Prof. Doutor Henrique Fortuna Cairus (presidente, Letras-UFRJ) Grau: _____

Profª. Doutora Tatiana Oliveira Ribeiro (Letras-UFRJ) Grau: _____

Prof. Doutor Eduardo Sinkevisque (PPGF-UFRJ) Grau: _____

Média _____

Presidente da Banca

UFRJ, 2024

CIP - Catalogação na Publicação

F634r Florez, Lucia Maria Lima Pereira
 As raízes hipocráticas da salubritas vitruviana /
 Lucia Maria Lima Pereira Florez. -- Rio de Janeiro,
 2024.
 27 f.

 Orientador: Henrique Fortuna Cairus.
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
 de Letras, Licenciado em Letras: Português - Latim,
 2024.

 1. Vitrúvio. 2. Hipócrates. 3. Arquitetura
 Antiga. I. Cairus, Henrique Fortuna, orient. II.
 Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Henrique Cairus, orientador deste trabalho, pela disposição inesgotável para me ajudar e por me mostrar novos caminhos.

Aos amigos do Programa de Estudos em Representações da Antiguidade, pelo companheirismo. Agradeço, em especial, à Mikaella Baldeija, sem quem não haveria a pesquisa aqui relatada, pela parceria inestimável não só na faculdade, como na vida.

A Thais, minha mãe, Mary e João Ignacio Lima Pereira, meus avós, pelo apoio constante e inabalável em todos os âmbitos de minha vida.

À amiga Kathlyn Santos, por fazer parte de minha trajetória já há quase doze anos.

À Karolynne Dantas, pelo amor.

SUMÁRIO

	página
1. INTRODUÇÃO	5
2. O <i>DE ARCHITECTURA</i> E COMO SE FAZ A ARQUITETURA	9
3. O MÉDICO NO ARQUITETO, O HOMEM NO AMBIENTE	11
4. DOS ARES, DAS ÁGUAS E DOS LUGARES	13
4.1 Acerca dos ares e ventos	13
4.2 Acerca da <i>medicina contraria</i>	18
4.3 Acerca dos pântanos	19
4.4 Acerca do determinismo climático	20
5. CONCLUSÃO	23
6. BIBLIOGRAFIA	25

1. INTRODUÇÃO

Investigar as matrizes da associação entre o que ora definiu-se como o campo da arquitetura e a noção de salubridade significa perscrutar as origens de um pensamento que se entranha em numerosos projetos urbanos do Ocidente — em detrimento, numerosas vezes, da integridade física e patrimonial de seus povos, como ocorre na reforma sanitarista de Pereira Passos, no início do século XX.

Na gênese da sistematização discursiva da arquitetura enquanto uma disciplina, encontra-se o tratado *De architectura*, escrito por Vitrúvio — autor cuja biografia é incerta e, por vezes, enigmática.

Embora pouco haja, no texto, que forneça informações precisas quanto à sua história, certos elementos nele presentes levam o consenso geral a sugerir o século I a.C. como data para sua produção¹. O *De architectura*, não obstante permeado por incertezas no que tange à relação com sua própria contemporaneidade e acerca de sua gênese, ocupa um espaço referencial na história da arquitetura e do urbanismo no Ocidente, uma vez que é considerado o único texto antigo a versar sobre tais campos que chegou aos nossos tempos². Uma evidência dessa notoriedade é a retomada da obra em meio ao Renascimento Italiano, o que propulsiona a escrita de uma série de novos tratados arquitetônicos que, mesmo em discordância, remontam à sua imagem, dentre eles o *De re aedificatoria* (1452³), de Leon Battista Alberti⁴, e *I quattro libri dell'architettura* (1570), de Andrea Palladio⁵.

Além de propor princípios práticos para a construção arquitetônica — e outras práticas então congregadas sob o título de arquitetura, como o que se entende hoje por planejamento urbano —, o tratado formula, também, um aparato teórico elementar para o pleno desenvolvimento do arquiteto, porquanto há, em sua perspectiva, uma relação indissociável entre prática e teoria:

Itaque architecti, qui sine litteris contenderant, ut manibus essent exercitati, non potuerunt efficere, ut haberent pro laboribus auctoritatem; qui autem ratiocinationibus et litteris solis confisi fuerunt, umbram non rem persecuti videntur: at qui utrumque perdidicerunt, uti omnibus armis ornati citius cum auctoritate, quod fuit propositum, sunt adsecuti. (I, 1, 2)

¹ VITORINO, 2004, 35.

² CALLEBAT, 1994, 3.

³ Levada ao prelo em 1485, foi a primeira obra de arquitetura a conhecer a prensa.

⁴ ALBERTI, 1988, ix. A relevância de Vitrúvio na obra de Alberti é apontada, inclusive, no artigo de Michael Sanches e Paulo Martins (2024).

⁵ PALLADIO, 2002, viii.

assim, os arquitetos que se esforçaram sem os conhecimentos obtidos pelas letras, como se tivessem apenas as mãos exercitadas, não puderam garantir que houvesse autoridade em relação aos trabalhos. Notas-se que quem, porém, confiara somente nos raciocínios e nas letras, persegue a sombra, não a coisa [que a produz]. Mas os que aprenderam com afinho uma e outra coisa, estão como que munidos de armas com mais facilidade alcançaram, com autoridade, o que foi o [seu] propósito⁶.

É imprescindível ao arquiteto de Vitrúvio munir-se de uma vasta gama de saberes que, oriundos de campos diversos, se entrecruzam; a importância de tal convergência de saberes é tão fulcral no pensamento do autor que, no capítulo inicial de sua obra, já se coloca como preceito e pilar de tudo o que se segue.

Dentre esses múltiplos saberes destacados no primeiro livro do tratado, enfoca-se aqui a medicina, cuja relevância é, em um primeiro momento, atrelada a quatro fatores, a saber, as inclinações do céu — expressas pelo vocábulo grego κλίματα, literalmente ‘inclinações’ —, dos ares e dos lugares, podendo esses ser *salubres* ou *pestilentes*, bem como o uso das águas⁷. Nessa alusão ao campo da medicina, figura o conceito de *salubritas*, ideia que virá a desempenhar um papel norteador para o empreendimento de grande parte dos preceitos arquitetônicos postulados pelo tratado. Vitruvius postula que a boa operação dos organismos, sobretudo o humano, redunde de uma certa negociação com o ambiente que lhes é circundante, de modo a desviar dos influxos daquilo que é malsão e voltar-se ao que é salubre, são, saudável — por tais noções concebe-se a *salubritas*.

Conquanto seja o *De architectura* conhecido pela civilização ocidental como um precursor da tratadística nos âmbitos da arquitetura e do urbanismo, a relação que nele se estabelece entre a disposição do espaço e a saúde dos que lá habitam não consiste em total novidade. O tratado hipocrático *Ares, águas e lugares (AAL)*, que integra a vasta coleção de textos hipocráticos (*Corpus hippocraticum, CH*), é o texto supérstite mais remoto que trata do assunto, além de haver se constituído um verdadeiro manual do médico itinerante e do observador da alteridade a partir de seus hábitos. São tecidas, no *AAL*, considerações acerca de uma série de condições naturais — temperatura dos ventos e direções das quais são oriundos, salinidade das águas, entre outros — e seus impactos no organismo dos indivíduos a elas expostos, desde a compleição dessas pessoas até as enfermidades às quais estão mais suscetíveis.

⁶ As traduções do tratado *De Architectura* são de nossa autoria. Adota-se, aqui, a edição de 1998 da Loeb Classical Library, cujo texto foi estabelecido por Frank Granger.

⁷ Disciplinam vero medicinae novisse oportet propter inclinationem caeli, quae Graeci κλίματα dicunt, et aeris et locorum, qui sunt salubres aut pestilentes, aquarumque usus (I, 1, 10) Tradução: É oportuno familiarizar-se com a disciplina da medicina em virtude da inclinação do céu, que denominam os gregos κλίματα, dos ares e dos lugares que são salubres ou malsãos, bem como do uso das águas.

De modo semelhante ao que foi dito sobre o texto de Vitrúvio, há no *AAL* a noção de que a natureza, φύσις, sobrepuje o homem, a quem cabe negociar pelas condições mais favoráveis possíveis para o pleno funcionamento de seu organismo. Afirmam Cairus e Ribeiro (2015), ao versar sobre as estações do ano segundo o tratado, que elas são “uma ação inexorável de uma *phýsis* com a qual o homem deve dialogar a partir de seu instrumental, de seus artifícios, entre os quais a arquitetura e as ferramentas da medicina, a saber, a dietética e a fármaco.”

Não é lúdico, em um primeiro instante, atestar seguramente que o tratado vitruviano tem alguma relação direta com o *AAL* em específico, uma vez que não há, em seu texto, evidências que autorizem tal certeza em uma leitura inicial. É plausível, entretanto, propor a possibilidade de um débito de Vitrúvio para com o *Corpus hippocraticum*, considerando que, no que versa o tratado sobre o campo da medicina, há uma menção direta à figura de Hipócrates. Malgrado julgue os saberes elencados no primeiro livro cruciais para a formação intelectual do arquiteto, Vitrúvio afirma que não devem, nem podem, ser dominados com maestria, já que deve haver ensejo para o cultivo de conhecimentos múltiplos. Ele ilustra sua perspectiva ao enumerar indivíduos que, em seus campos, representam o ápice da perícia. É em tal contexto que alude-se a Hipócrates como o baluarte do saber médico: “*Non enim debet nec potest esse architectus grammaticus, uti fuerat Aristarchus... nec denuo medicus ut Hippocrates, sed non aniatrologetus*” (I, 1, 13). Em tradução: não deve nem pode ser o arquiteto um gramático como foi Aristarco... nem, novamente, um médico como Hipócrates, embora não deva ser um *aniatrologetus*⁸.

A menção textual explicita o eco das ideias hipocráticas que subjaz a todo o texto vitruviano, quer a partir dos próprios tratados médicos, quer mediado pela filosofia que os lê desde Platão, pelo menos. O princípio da arquitetura salubre, bem como o próprio conceito de *salubritas*, encontram em Hipócrates não apenas sua legitimação, mas mesmo seus alicerces: os temas que a Vitruvius importam na medicina, por exemplo, são axiais no *Ares*, *águas e lugares*, dando-lhe título e substância. De tal consonância provém a motivação para adotar o *AAL* como ponto de partida para a presente pesquisa, sem negligenciar, certamente, as ressonâncias de conceitos postulados por outros textos hipocráticos, como a própria concepção da arquitetura enquanto uma *ars*, que muito se assemelha ao status de τέχνη atribuído à medicina no tratado Περὶ τέχνης.

⁸ *Hapax legomenon*, possivelmente um neologismo de Vitrúvio. Termo criado a partir de radicais e morfemas gregos: “apedeuta em temas medicinais”.

É de interesse desta pesquisa, portanto, investigar até que ponto se estendem e de que maneiras se evidenciam tais ideias hipocráticas na construção do pensamento de Vitrúvio no que tange à relação entre a cidade e a saúde. Entende-se, decerto, que Hipócrates não é o único cujos preceitos integram a perspectiva vitruviana acerca da compleição humana, da saúde e do espaço: há notáveis reverberações de outras teorias, principalmente de ‘escolas’ filosóficas então em voga. O intuito deste trabalho, em vista disso, não se trata de reduzir a *salubritas* às suas consonâncias com o *Corpus hippocraticum*, mas de propor tal presença no *De architectura* como um ponto inicial para desvelar o amálgama de teorias que culminam na ideia de saúde como a concebe Vitrúvio.

2. O *DE ARCHITECTURA* E COMO SE FAZ A ARQUITETURA

Os conteúdos sobre os quais versa o texto de Vitruvius dispõem-se de tal forma: há uma divisão em dez livros, cada um dos quais dedicado a minuciar um determinado tema da arquitetura. Os dez livros são, todos eles, providos de proêmios.

O segmento do tratado primariamente dedicado a formular os princípios que balizam a noção vitruviana da arquitetura é o primeiro de seus dez livros, *De architectura Liber primus*, no qual figuram considerações acerca de um vasto leque temático: a educação que o autor julga essencial para o arquiteto; os conceitos que integram aquilo que ele entende por arquitetura; em quais fatores se deve pautar a escolha das localidades para o estabelecimento da cidade, e o impacto que advém de determinadas condições ambientais na saúde dos cidadãos a elas expostos; dentre outros. Os conceitos que se elencam no *Liber primus* como constituintes da prática arquitetônica são seis: *ordinatio*, *dispositio*, *eurythmia*, *symmetria*, *decor* e *distributio*, algo muito próximo dos constituintes discursivos previstos pelos tratados de retórica de sua época.

Figuram, também, no livro, os três notórios princípios norteadores da arquitetura: *firmitas*, que pode ser entendido por firmeza, obtido em um edifício através do bom estabelecimento de seus fundamentos; *utilitas* que pode ser entendido por utilidade, alcançado quando um edifício é erguido de modo correto e propício ao uso, disposto de maneira conveniente àquilo que se destina; e *venustas*, que pode ser entendido por beleza, atingido quando a construção apresenta um aspecto agradável e elegante, e suas partes apresentam medidas equilibradas, conforme defendido pelo princípio da *symmetria*.

Vitruvius reporta-se, no *Liber secundus*, aos materiais dos quais pode servir-se a prática edificatória. Há, nesse livro, extensas descrições das propriedades e usos de uma mácula de materiais, dentre os quais tijolo, areia e cal. Tais comentários que tece o autor são norteados pela concepção, já referida no *Liber primus* e reiterada no início do *Liber secundus*, de que os corpos se compõem pela harmonia de quatro elementos, o que será retomado adiante neste trabalho. No *Liber tertius*, Vitruvius versa a respeito dos templos, elencando princípios para erigi-los e postulando parâmetros para sua classificação. Constrói-se, nesse livro, a concepção de que do corpo humano, perfeitamente estruturado pela natureza, advém as proporções que devem nortear a construção dos sacros monumentos. Ao fim do livro, há uma descrição das particularidades dos templos jônicos. O *Liber quartus*, por sua vez, se

encarrega de esmiuçar os templos dóricos, coríntios e toscanos, relacionando-os. No *Liber quintus*, o autor volta-se para os edifícios de uso público, e, no *Liber sextus*, aos destinados à esfera privada. Encerrando os temas abarcados pelo escopo da *aedificatio*, o *Liber septimus* trata de técnicas de acabamento (*expolitio*).

O *Liber octavus* ocupa-se da matéria das águas: como obtê-las; propriedades salubres e nocivas de suas variedades e como identificar se a água é, de fato, boa; de que maneira se forma o ciclo hidrológico; dentre outros assuntos. No *Liber nonus*, Vitrúvio volta-se para a astronomia — versa a respeito de planetas, constelações, fenômenos celestes e afins; o livro reporta-se ainda, à *gnomonice*, ciência à que concerne o comportamento dos raios solares e, por conseguinte, a confecção de relógios de sol. A *gnomonice*, qual a *aedificatio*, figura no *Liber primus* como uma das práticas abarcadas pelo escopo da arquitetura — a terceira de tais práticas é a *machinatio*, que pode ser entendida como algo semelhante à noção de mecânica, sobre a qual se debruça o *Liber decimus*.

3. O MÉDICO NO ARQUITETO, O HOMEM NO AMBIENTE

Vitrúvio unifica práticas análogas à construção em seu tratado e as eleva a um campo especializado e sistematizado, munido de um aparato teórico que lhe é inerente e indissociável. Propõe, por tal expediente, a arquitetura como uma *ars*. No horizonte do pragmatismo, entrecruzam-se, pelo ambívio da *ars*, saberes diversos. A arquitetura vitruviana, reivindicando o lugar de *ars*, assume esse lugar de entrocamento epistemológico necessário tanto para uma práxis arquitetônica quanto para um reconhecimento de um legítimo lugar social.

O termo *ars* é, muitas vezes, e sobretudo à época de Vitrúvio, aquele escolhido para a tradução de *τέχνη*. Com o advento das chamadas “escolas médicas”, principalmente — mas não só — as de Cós e de Cnidos, a medicina reivindica para si o título de *τέχνη*. Há mesmo um tratado médico epidítico provavelmente do século V a.C. intitulado *Περὶ τέχνης* (*De arte*). Nesse tratado, o autor defende não só a ideia de que a medicina é uma *τέχνη*, como também, e principalmente, propõe uma definição para o conceito. Nela, os que lhe são externos recebem o qualificativo de *ιδιώτης*, um termo até então reservado ou a aspecto da estrutura social ou aos leigos em relação às práticas destinadas aos sacerdotes ou pessoas com atribuições religiosas, portanto, aos que estavam fora de um campo, que fosse, então, o da medicina. O vocábulo *τέχνη* encontrou no lexema latino *ars* sua tradução definitiva, uma vez que o conceito que *ars* encerra, assim como o de *τέχνη*, um saber ou um feixe de saberes de cunho pragmático. *Τέχνη* e *ars* passaram, pois, a dar títulos a tratados, de forma explícita ou elíptica ou zeugmática.

Datado no século I a.C., o *De architectura* é oriundo de um período em que florescem, similarmente, outros textos de natureza análoga ao de Vitrúvio, que ostentam também sistematizações discursivas de suas respectivas *artes*. Em sua Tese de Doutorado, James Zainaldin realiza um estudo multifocal da *ars* romana, ponderando acerca de aspectos universais das *artes* a partir de uma série de tratados datados no início do Império Romano, dentre os quais o texto central a esta pesquisa. Zainaldin destaca, na introdução da Tese, que o conhecimento especializado possui um caráter fundamentalmente interdisciplinar⁹. As diferentes *artes* estão, destarte, fadadas a entrecruzar-se: ao pôr de lado as atribuições

⁹ ZAINALDIN, p. 12.

específicas de uma disciplina, tornam-se límpidos os princípios e discursos que comumente subjazem às múltiplas *artes*. É ainda mais proeminente tal associação quando ocorre, de modo concreto, uma transposição de métodos e técnicas entre as disciplinas.

No horizonte de tal perspectiva, esta pesquisa se propõe não somente a mapear convergências discursivas entre a *ars* vitruviana e a *tékhne* hipocrática no que tange à relação entre a cidade e a saúde, como também visa também a analisar como a possível incorporação de técnicas de um campo outro — o da medicina, dentre os variados a que alude o tratado — alicerça a construção desse campo que, em Vitrúvio, se estrutura.

4. DOS ARES, DAS ÁGUAS E DOS LUGARES

4.1 Acerca dos ares e ventos

No segmento que dedica à escolha das localidades onde se estabelecerão as cidades, Vitrúvio aponta que devem ser o mais salubres possível — *primum electio loci saluberrimi*¹⁰ (I, 4, 1), em suas palavras. Segue-se um conjunto de atributos pelos quais se concebe tal local ideal, o mais salubre: será ele elevado, nem nebuloso nem acometido por geadas, orientado em uma direção nem demasiado quente nem fria, mas moderada; os arredores dos pântanos hão de ser evitados, uma vez que farão do lugar malsão quando as brisas da manhã chegarem à cidade e, consigo, a névoa, incorporando o sopro (*spiritus*) deletério dos animais palustres e difundindo-o, portanto, dentre os habitantes. Não se enquadrarão, também, como salubres, cidades que estiverem localizadas ao longo do mar e voltadas ao sul ou ao ocidente, tendo em vista que, durante o verão, o céu meridiano aquecerá com o nascer do sol e arderá ao meio-dia, já aquele voltado ao ocidente tornar-se-á morno ao nascer do sol, aquecerá ao meio-dia e arderá à tarde (I, 4, 1).

Tais condições climáticas são concebidas como prejudiciais aos corpos a elas submetidos em virtude dos desdobramentos desfavoráveis da variação térmica. As janelas das adegas, conforme aponta o autor a título de exemplo, não são abertas por ninguém na direção do sul ou do ocidente; opta-se pelo norte, uma vez que tal quadrante se mantém continuamente constante e imutável. Os celeiros cuja orientação for alinhada ao trajeto solar manifestarão, também, uma perda em qualidade, pois as provisões e frutos que não estiverem alocados em direção oposta ao trajeto solar não serão conservados (I, 4, 2). Valendo-se, ainda, de elementos inanimados para ilustrar os malefícios das altas temperaturas, o autor reporta-se ao ferro: duro por natureza, amolece nos fornos pelo ar quente provindo do fogo, tornando-se, pois, mais fácil à forja. Assim que o ferro mole, em brasa, é resfriado, mergulhado em água fria, torna a endurecer e restaura sua antiga propriedade (I, 4, 3).

A ponderação de Vitrúvio acerca do calor deixa, então, o campo dos elementos inanimados, e volta-se aos corpos. O tratado afirma que, não apenas nos lugares malsãos, mas

¹⁰ “Primeiramente escolher os lugares mais saudáveis”

também nos salubres, se tornam fracos os corpos durante o verão. No inverno, todavia, até regiões demasiadamente malsãs passam a ser salubres, uma vez que são fortalecidas pelo refrigério. Ademais, corpos provindos de regiões frias que forem conduzidos a ambientes quentes não perdurarão, mas dissolver-se-ão. Os oriundos de regiões quentes que, em contrapartida, forem transportados para direções frias, sob o quadrante norte, não só não sofrerão em razão da saúde com o deslocamento como tornar-se-ão, também, mais fortes (I, 4, 4).

A associação que propõe o *De architectura* entre a baixa temperatura e as noções de solidez e vigor faz ecoar ideias presentes no *Ares águas e lugares*. O autor do tratado médico pontua que, em cidades voltadas aos ventos (πνεύματα) frios e resguardadas dos ventos quentes¹¹, os indivíduos hão de ser mais vigorosos e biliosos, suas cavidades inferiores rudes e duras e suas cabeças, da mesma forma, duras (AAL, IV, 2). O oposto é dito sobre os habitantes de cidades voltadas aos ventos quentes e resguardadas dos ventos frios¹², suas cabeças são úmidas e fleumáticas, consideradas fracas, e seus corpos carecem de vigor (AAL, III, 2). Ainda segundo o tratado hipocrático, os indivíduos circunscritos à primeira configuração comumente vivem vidas mais longas do que outros, e suas feridas são menos propícias à inflamação (AAL, III, 3).

Essa relação entre frio e vigor no AAL não significa, contudo, que o tratado atribua à baixa temperatura uma noção tão intrínseca com a salubridade, como faz Vitruvius, pois o autor hipocrático estrutura sua proposta acerca dos influxos do ambiente com base, sobretudo, nas nuances climáticas das estações do ano. São listadas, ainda, as diversas mazelas que acometem os habitantes das cidades voltadas aos ventos frios: pleurisias, abscessos, oftalmias violentas e hemorragias nasais intensas (AAL, IV, 3). As mulheres comumente tornam-se estéreis, e, quando chegam a parir, o fazem com dificuldade, tendendo à consumpção, em decorrência de rupturas e distensões; diz-se também que seu leite materno seca em razão da dureza e algidez das águas (AAL, IV, 4).

A ação solidificadora do frio proposta no *De architectura* encontra no AAL, portanto, um antecedente, mas o tratado médico é mais incisivo em relação aos desdobramentos malsãos dessa propriedade. O discurso hipocrático exalta, no horizonte da saúde, a temperança climática: ainda que o frio seja apresentado como mais benfazejo do que o calor,

¹¹ Todas as cidades que forem (...), assim, voltadas para os ventos frios que sopram entre os ocasos e as nascentes estivais do sol, e se para elas os ventos forem locais, se forem resguardadas do sopro do noto e dos ventos quentes (...) (AAL, IV, 1).

¹² Uma cidade que for voltada para os ventos quentes – que ocorrem entre o nascente e o ocaso hibernais do sol – e para ela estes ventos forem habituais, se for resguardada dos ventos vindos das Ursas, nessa cidade (...) (AAL, III, I). Os “ventos vindos das Ursas” seriam, aqui, oriundos da região norte.

a orientação da cidade que ali figura como proveitosa é aquela voltada para o nascer do sol, ou seja, para o leste, em virtude de seu clima moderado e da limpidez de suas águas (*AAL*, V, 3). Do mesmo modo, o autor julga categoricamente malsã a configuração oposta, isto é, orientada para o oeste; a cidade assim disposta será cingida tanto pelos ventos quentes quanto pelos ventos frios e suas águas não serão límpidas, pois o contato com a névoa matutina — impura e austral — as turvará. Postula-se, ainda, a presença de brisas e orvalhos ao nascer do sol no verão, e é dito que o sol, no restante do dia, mergulha e queima os homens (*AAL*, VI, 2-3). O caráter deletério que se atribui ao quadrante ocidental no *AAL* reverbera no texto vitruviano, onde tal alinhamento é igualmente desencorajado, por motivos que são, em parte, análogos: não havendo, nessa orientação, clima moderado, o sol aquece ao meio-dia e arde à tarde (I, 4, 1).

Vitrúvio desaconselha, ainda, o estabelecimento da cidade onde possa haver exalação de um sopro (*flatus*) advindo do calor sobre os corpos. Tal contraindicação se constrói a partir da concepção do autor acerca da constituição dos organismos: há quatro elementos — *stoicheia*, segundo os gregos, o que Vitrúvio faz questão de pontuar — que compõem todos os corpos, a saber, o calor e o humor, a terra e o ar¹³, e da mistura desses elementos são oriundas as qualidades de todos os animais (I, 4, 5). O desequilíbrio de tais misturas naturais resulta em configurações malsãs — se o calor for predominante, segundo o autor, ele leva à morte e destrói os demais elementos com seu fervor. A exposição a determinados quadrantes quentes do céu pode conduzir a tal acaso, uma vez que força às veias abertas mais do que suportam, tendo em vista a mistura naturalmente proporcionalizada que dita o funcionamento do corpo (I, 4, 6).

Caso o humor tome as veias do corpo e torne desigual sua constituição, os demais elementos são, como que por um líquido, diluídos, e as virtudes deles oriundas dissolvidas. Essa configuração desfavorável ocorre a partir da exposição ao refrigério provindo da umidade¹⁴ dos ventos (*venti*) e brisas (*aurae*). No que tange aos demais elementos, Vitrúvio afirma que a exacerbação do terreno se dá por meio do enfartamento de comida e do ar pelo peso do céu (I, 4, 6).

Constrói-se, nesse encadeamento de ideias, uma nuance negativa para a associação previamente tecida entre frio e boa saúde: ainda que o quadrante frio seja o mais salubre,

¹³ Namque e principiis quae Graeci *stoicheia* appellant, ut omnia corpora sunt composita, id est e calore et umore, terreno et aere (I, 4, 5).

¹⁴ Optou-se por traduzir o vocábulo *umor*, *-is*, neste contexto, por “umidade”, uma vez que se refere a um elemento climático. No parágrafo acima há uma ocorrência do mesmo vocábulo reportando-se a um elemento da constituição humana; optou-se, portanto, por traduzi-lo como “humor” nesse contexto, já que o vocábulo designa uma substância líquida que circula pelo corpo.

segundo Vitruvius, nota-se que o resfriamento úmido pode resultar em uma desarmonia na constituição humana, o que se dá a partir da exaltação do elemento líquido no corpo. Tendo em vista que esse desdobramento malsão do refrigério se introduz pela ação dos ventos e brisas, cabe reportar-se ao discurso concernente aos ventos que se estrutura no capítulo sexto do *Liber primus*.

Vitruvius define o vento como uma onda de ar em fluxo, movida com um excesso instável (*incerta redundantia*); origina-se quando o calor atinge a umidade e o ímpeto do processo traz à tona a força do *spiritus flatus*. Uma evidência de tal afirmação, segundo o tratado, é o éolo de bronze: basta enchê-lo de água e posicioná-lo na direção do fogo para observar que, antes de a água começar a se aquecer, não há [fluxo de ar], quando ferve, entretanto, produz um sopro impetuoso (*vehemens flatus*). O autor afirma que, a partir dessa breve demonstração, é possível observar a magnitude do fenômeno natural. A tal conceituação designa-se o nome de *ventus* (I, 6, 2).

O *ventus* vitruviano se aproxima bastante, no que concerne à sua definição, à noção de vento (ἄνεμος) conforme descrita no tratado hipocrático Περὶ φυσῶν (*De flatibus*) (3):

Πνεύματα δὲ τὰ μὲν ἐν τοῖσι σώμασι φύσαι καλέονται, τὰ δὲ ἔξω τῶν σωμάτων ἀήρ. Οὗτος δὲ μέγιστος ἐν τοῖσι πᾶσι τῶν πάντων δυνάστης ἐστίν· ἄξιον δὲ αὐτοῦ θεήσασθαι τὴν δύναμιν. Ἄνεμος γάρ ἐστιν ἡέρος ῥεῦμα καὶ χεῦμα· ὅταν οὖν πολὺς ἀήρ ἰσχυρὸν τὸ ῥεῦμα ποιήσῃ, τὰ τε δένδρεα ἀνασπαστὰ πρόρριζα γίνεται διὰ τὴν βίην τοῦ πνεύματος, τὸ τε πέλαγος κυμαίνεται, ὀλκάδες τε ἄπειροι τῷ μεγέθει ἐς ὕψος διαρρίπτεινται. Τοιαύτην μὲν οὖν ἐν τουτέοισιν ἔχει δύναμιν·

Os *pneúmata* são chamados de sopro dentro dos corpos; o *aér*, dos de fora do corpo. O *aér* é o agente mais poderoso de tudo e em tudo; vale a pena considerar sua força. O *ánemos* é fluxo e corrente de *aér*; Quando o *aér* acumulado se transforma numa corrente violenta, as árvores caem desraigadas pela violência do *pneúma*, o mar sobe e navios de tamanho descomunal são atirados ao alto. Tal é a força que ele possui nisto¹⁵.

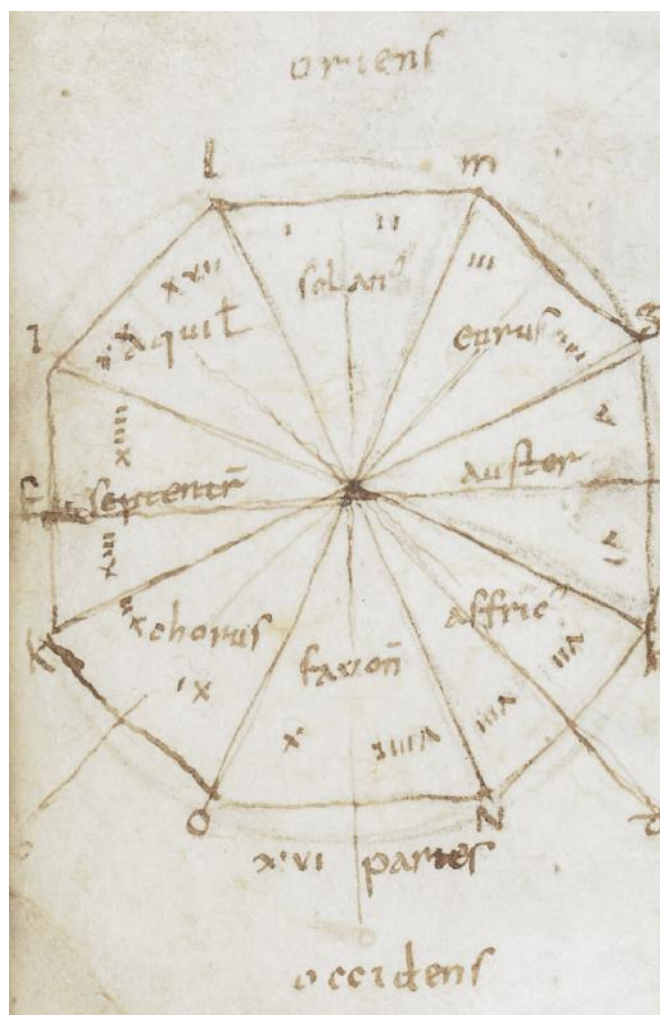
A descrição, qual a do *De architectura*, reporta-se à grandiosidade do fenômeno, especialmente no que tange ao seu potencial transformador do meio.

Quanto à categorização dos ventos, Vitruvius reconhece a hipótese de que há quatro *venti*, mas, ao fim, objeta-a. Toma, para tanto, como referência Andrônico de Cirra e a Torre dos Ventos de Atenas (que ainda desafia os séculos), e defende, no *De architectura*, que há oito principais ventos: além dos ventos Austro (oriundo do sul), Setentrão (oriundo do norte), Solano (oriundo do leste equinocial), e Favônio (oriundo do oeste equinocial), há também os ventos Euro (entre o Solano e o Austro), o Áfrico (entre o Austro e o Favônio), o

¹⁵ Tradução de Henrique Cairus, para este trabalho.

Cauro ou Coro¹⁶ (entre o Favônio e o Setentrião) e o Aquilão (entre o Setentrião e o Solano). O autor elenca, ainda, dezesseis ventos periféricos (I, 6, 10), mas esclarece que esses são variações de fluxo dos oito principais.

Figura 1: *Octo venti*



Fonte: Ms.harleianus 2767 (British Library¹⁷)

No âmbito do estabelecimento da cidade, o texto vitruviano postula como imprescindível para sua boa execução que as vias sejam prudentemente resguardadas dos ventos. Não há, nesse segmento do tratado, vento ao qual se aluda de forma predominantemente positiva: os ventos quentes, úmidos, e mesmo os frios, a despeito da correlação previamente traçada entre frio e vigor, são similarmente enquadrados como

¹⁶ “Coro” em detrimento de “Cauro”, faz o nome do vento saber à Jônia, que, à época, exalava auras sapienciais.

¹⁷ Disponível em: iiif.biblissima.fr

injuriosos¹⁸. A cidade de Mitilene, na ilha de Lesbos, é aqui referida à guisa de exemplo, uma vez que, não obstante a opulência de sua construção, foi estabelecida de maneira imprudente. Quando sopra, em Mitilene, o Austro, os homens adoecem, e na ocasião em que sopra o Coro, passam a tossir. Quando sopra, entretanto, o Setentrião, os habitantes são restituídos à saúde, mas tão veemente é o frio que não conseguem permanecer nas ruas. (I, 6, 1)

Nota-se que, embora ainda seja o Setentrião — vento oriundo do norte e, portanto, frio — associado à ideia de restauração, prevalece o potencial nocivo do *ventus*, uma malignidade, de resto, relacionada à sua grandiosidade. Assim, é considerado desairoso que sejam as pessoas expostas a tal vento. Essa construção conceitual remonta, decerto, aos textos hipocráticos, sobretudo ao *De flatibus*.

4.2 Acerca da *medicina contraria*

Ainda no capítulo em que trata dos *venti*, Vitrúvio faz uma nova alusão à medicina. Havendo já postulado a nocividade dos ventos, o autor reitera a urgência de sua exclusão no planejamento urbano, defendendo que tal exclusão implica não apenas um ambiente salubre para os corpos vigorosos, como também o aligeiramento da cura daqueles que, em outros recintos salubres, se valem da *medicina contraria*, ou medicina pelos contrários (I, 6, 3). O tratado elenca, nesse âmbito, enfermidades que são tratadas com dificuldade em tais regiões: resfriamento da traqueia, tosse, pleurisia, tísica (*pthisis*), vômito de sangue, dentre outras; enfermidades essas que são tratadas não pela retirada [daquilo que causa mal] (*detractio*), mas por remédios revigorantes (*adiectio*¹⁹). Esse tratamento das referidas mazelas é dificultoso, segundo Vitrúvio, pois elas se contraem em decorrência do frio e os corpos enfermos são enfraquecidos pela agitação dos ventos. Se os doentes forem providos de um ar suave e encorpado, que não flui em excesso, terão seus membros fortalecidos graças à estabilidade inerte (*propter inmotam stabilitatem*) de tal ar (I, 6, 3).

A ‘medicina pelos contrários’ à qual alude o *De architectura* remonta a certas noções da medicina hipocrática. Há, no início do tratado *De flatibus*, um axioma segundo o qual:

¹⁸ Qui si frigidi sunt, laedunt; si calidi, vitiant; si umidi, nocent. (I, 6, 1)

¹⁹ Nota-se, aqui, o emprego de um vocábulo pertencente ao léxico da arquitetura no que versa Vitrúvio a respeito da prática médica.

Ἐνὶ δὲ συντόμῳ λόγῳ, τὰ ἐναντία τῶν ἐναντίων ἐστὶν ἰήματα [Em uma palavra, resumidamente: os contrários dos contrários são as curas]²⁰. Com essa sentença parêmica, o autor do *De flatibus* sintetiza e conclui sua argumentação em defesa dessa estratégia terapêutica. Nesse discurso, o tratadista hipocrático opõe sede, como problema, à bebida, como cura; o fome à comida; a fadiga ao repouso; a fadiga do repouso ao esforço físico, o esvaziamento à repleção, a repleção ao esvaziamento, etc.

Vitrúvio vale-se, portanto, de um aparato inegavelmente médico, da descrição das enfermidades e suas causas ao diálogo que estabelece com as práticas curandeiras — práticas que mantêm intrínseca relação com as ideias cóicas, sendo sistematizadas no *Corpus hippocraticum* como parte da τέχνη que lá se estrutura.

4.3 Acerca dos pântanos

No que concerne ao planejamento da cidade, Vitrúvio afirma que se devem evitar os arredores de regiões pantanosas, pois os animais palustres emanam um sopro deletério que, por sua vez, é incorporado à névoa quando chegam as brisas matutinas à cidade, e portanto difundido dentre os cidadãos, tornando o local malsão²¹.

As apreciações desfavoráveis que o palude arrancou a Vitrúvio não se circunscreviam à sua obra: a insalubridade dos pântanos, com seus gases, sua opaca aparência e seu turvo aspecto renderam a esses a essas paragens duros epítetos e más famas, desde, ao menos, os tratados hipocráticos. Suas características naturais foram associadas às piores máculas físicas e morais, e tudo que delas exalava ganhou a alcunha de “miasma”. A extinção dessas configurações geográficas passam a figurar, desde Vitrúvio, em todos os projetos de urbanismo no Ocidente, sempre com a saúde como norte²².

O tratado admite, contudo, uma concessão a essas regiões pantanosas. Caso esteja o palude localizado em proximidade ao mar e voltado ao norte, ou noroeste, e o nível das águas pantanosas ultrapasse o litoral, o estabelecimento dos muros da cidade em tal região é

²⁰ Tradução de Henrique Cairus, para este trabalho.

²¹ Cum enim aerae matutinae cum sole oriente ad oppidum pervenient et his ortae nebulae adiunguntur spiritusque bestiarum palustrum venenatos cum nebula mixtos in habitatorum corpora flatu spargent, efficient locum pestilentem. (I, 4, 1)

²² Sobre esse tema: KURY (1990) e BENCHIMOL (1992).

considerado razoável. O motivo para isso é que, na ausência de diques, há a possibilidade de escoamento da água na praia, além de que, na ocasião de elevação do nível do mar em razão de tempestades, a água marítima inunda o pântano, impedindo, com o passar do tempo, que animais palustres lá nasçam. A migração de animais palustres advindos de regiões mais elevadas é igualmente impossibilitada, já que a salinidade extraordinária acarretará em sua morte (I, 4, 11).

No que versa o *AAL* a respeito das cidades voltadas para o ocidente, às quais houve menção no subcapítulo anterior, a névoa impura (*AAL*, VI, 3) é elencada como um fator que contribui para a insalubridade, uma vez que seu contato com a água remove-lhe a limpidez (*AAL*, VI, 2). Há, ainda, no âmbito das águas, uma associação entre palustre e malsão: as águas pantanosas são malcheirosas, justamente por não serem passíveis de escoamento; fazê-las fluir figura, também, em Vitrúvio como a única possibilidade de haver boa saúde em paragens assim. Os indivíduos que consomem essas águas são descritos como magros — pois as carnes definham em proveito do baço —, vorazes, sedentos e detentores de cavidades demasiadamente secas (*AAL*, VII, 3).

O tratado hipocrático, ao reportar-se à região pantanosa do rio Phasis (*AAL*, XV, 1), faz menção a uma intensa névoa que advinha das águas. Muito se assemelha tal descrição à asserção vitruviana de que a bruma carrega consigo os sopros malsãos, oriundos também da água — devido aos animais que nela residem. Cabe pontuar que o exemplo dos phásios dialoga, ainda, com as ideias defendidas ao início deste capítulo: além de ser pantanosa, a região é também descrita como quente e úmida; os corpos nela presentes, por conseguinte, são descritos como carentes de vivacidade, preguiçosos por natureza.

4.4 Acerca do determinismo climático

A proposição que o tratado hipocrático postula acerca da natureza dos phásios integra um conjunto de descrições de variadas etnias em decorrência dos influxos naturais aos quais estão expostas. Afirmam Cairus e Ribeiro (2015), no que concerne às ideias articuladas no *AAL*, que “A *phýsis*, em geral, e as estações do ano, em particular, são agentes da construção de *êthos*, de identidades, portanto, mas de identidades étnicas. Aproximam-se, assim, *êthos* e *éthnos* pelo viés da *phýsis*, na trilha das *hōrai tōu éteos*, das estações do ano”. A asserção

reitera o caráter preponderante da φύσις em relação ao homem, e aponta, ainda, para a construção de identidades étnicas a partir de seu efeito na constituição humana. Há, portanto, a defesa de um certo determinismo climático com o qual, todavia, a τέχνη ou a *ars*, inseridas no escopo do νόμος, podem negociar.

A defesa que envida Vitrúvio de uma cidade salubre filia-se a esse discurso determinista, cujo desenlace — ou motivação — redunde em verdadeiro encômio aos romanos em detrimento de povos outros. Há, no *Liber sextus*, uma clara exaltação da superioridade romana, que se constrói a partir das ideias climáticas postuladas, sobretudo, no *Liber primus*:

Namque temperatissimae ad utramque partem et corporum membris animorumque vigoribus pro fortitudine sunt in Italia gentes. Quemadmodum enim Iovis stella inter Martis ferventissimam et Saturni frigidissimam media currens temperatur, eadem ratione Italia inter septentrionalem meridianamque ab utraque parte mixtionibus temperatas et invictas habet laudes. [...] Ita divina mens civitatem populi Romani egregiam temperatamque regionem conlocavit, uti orbis terrarum imperii potiretur. (VI, 1, 11)

De fato, as gentes são, na Itália, as mais moderadas em relação a ambos os lados no que tange aos membros corporais e ao vigor da mente em prol da força. Assim como Júpiter, por exemplo, correndo entre o quentíssimo Marte e o frigidíssimo Saturno, torna-se moderado, a Itália, pelo mesmo motivo, [situada] entre as regiões norte e sul, e pela mistura de ambas as partes, possui méritos moderados e invictos. [...] Assim, a mente divina alocou a cidade do povo romano em uma região extraordinariamente temperada, para que a órbita terrestre fosse dominada pelo império.

Na convicção vitruviana de que os romanos, em decorrência do clima ao qual estão expostos, tornam-se mais inclinados à glória bélica, ressoa uma certa proposição presente no *AAL*, em que se afirma a inaptidão dos asiáticos para a guerra em relação aos europeus, uma vez que seu ἦθος é mais dócil (*AAL*, XVI, 1):

em (climas) quase iguais, há indolência; em (climas) que se modificam, há a vivacidade no corpo e na alma, e, a partir da tranquilidade e da indolência, aumenta a covardia; a partir da vivacidade e dos esforços aumenta a virilidade. Por essa razão, os habitantes da Europa são mais belicosos, e também por causa dos costumes, porque não são reinados, como os Ásia. Pois onde o homem é reinado, necessariamente também é mais covarde. (*AAL*, XXIII, 3-4)

Há uma divergência acerca das condições climáticas pelas quais se defende a propensão romana à hegemonia no *De architectura* e aquelas que, no *AAL*, tornam os europeus belicosos. A localização de Roma em uma região de clima temperado, segundo Vitrúvio, enseja o equilíbrio corporal de seus habitantes, tornando-os predispostos à conquista

do mundo. No tratado hipocrático, é justamente à intensa mudança climática que se atribui a virilidade europeia, pois “as mudanças de todas as coisas são as que sempre despertam o espírito dos homens, sem permitir-lhes o repouso” (*AAL*, XVI, 2). Malgrado tal divergência, ambos os tratados se valem intrinsecamente de um determinismo climático em suas concepções etnológicas, assertando a soberania de um povo.

5. CONCLUSÃO: Corpus sanum in sana civi

A pesquisa cujos resultados foram elencados nesta monografia buscou esmiuçar as maneiras pelas quais um *corpus* constituído por tratados médicos alicerçou o mais célebre e remoto discurso *quod superest* sobre a relação entre cidade e saúde legado pela Roma Antiga. Na fissura entre o ocupar e o habitar, Vitrúvio edifica um novo campo. A esse campo, investido na categoria de *ars*, Vitrúvio deu o nome que, em Heródoto (*Hist.* 3,60; 4,87), designava o prócer entre os operários, encarregado da execução e mesmo idealizador de um projeto a arte do arquiteto (ἀρχιτέκτων), a arquitetura. A produção escrita supérstite do século I a.C. sugere uma tendência, senão à poligrafia, ao menos à polimatia. A obra vitruviana, antecedendo em algumas décadas à de Plínio, o velho, trilhava as sendas traçadas pelo *De arte* hipocrático e pavimentadas pela própria noção de erudição instaurada no processo alexandrino de helenização.

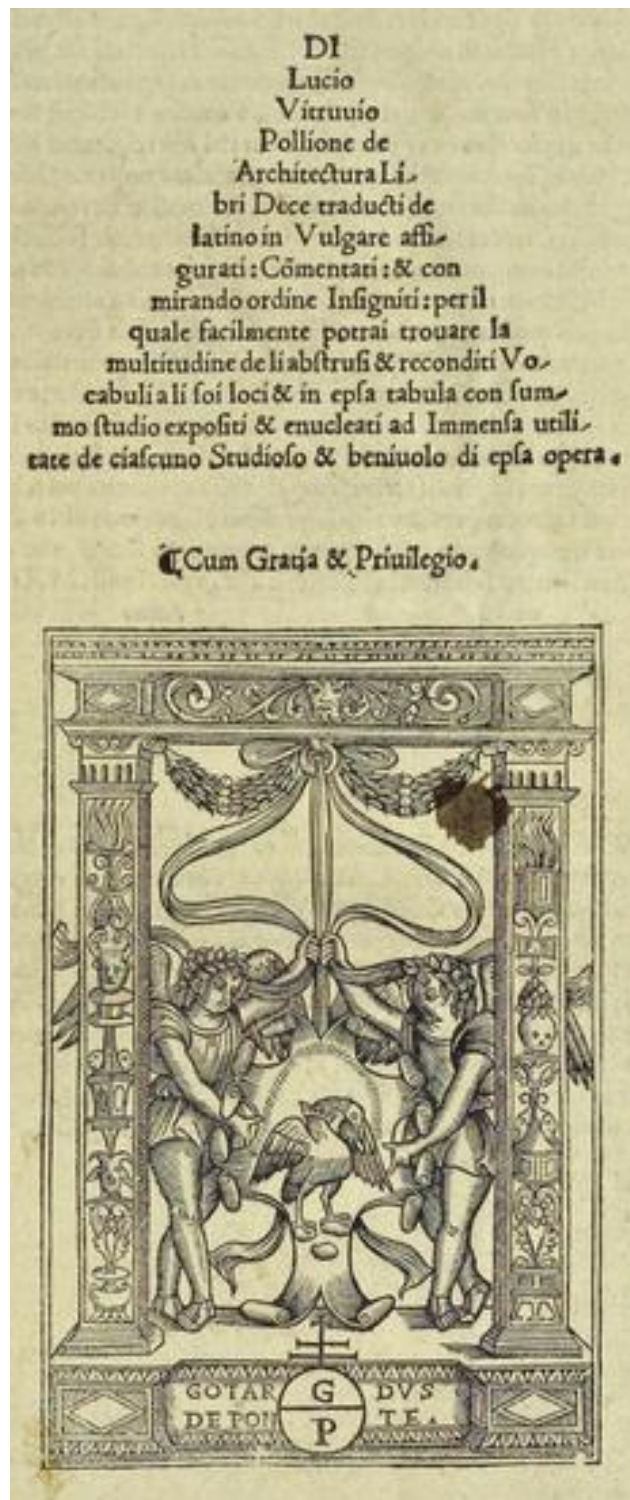
Às proposições climáticas postuladas por Vitrúvio como imperativo ao bom traçado da cidade subjazem, decerto, princípios sistematizados pelo tratado hipocrático *Ares, águas e lugares*, e também pelo *De flatibus*. Os ecos hipocráticos se tornam evidentes já nas noções de medicina das quais se vale Vitrúvio, e ainda nas asserções que firma acerca de determinados fenômenos climáticos — como os ventos —, mas notam-se, sobretudo, na construção conceitual segundo a qual a natureza (φύσις) sobrepõe-se ao homem, não somente influenciando em sua saúde como ditando seu ἦθος e, por conseguinte, uma identidade étnica. Os tratados médicos conferem ao νόμος, mormente pela ação da τέχνη, um certo potencial de negociação com a natureza hegemônica — o que reverbera, também, no *De architectura*.

De fato, o planejamento da cidade, se feito com olhar atento aos influxos sadios e malsãos, garante aos que lá habitarão a *salubritas*. O potencial transformador do νόμος, todavia, delimitado pelo tempo no que concerne ao seu efeito na constituição humana²³, não anula o viés determinista que permeia as proposições hipocráticas.

A esse pensamento determinista concerne, também, o tratado vitruviano, uma vez que o posicionamento geográfico de Roma nele figura como uma ação da *divina mens* e denota uma predestinação romana ao expansionismo territorial. Evidencia-se, por tal concepção, que

²³ “É sempre o *nómos* moderando a natureza e testando os limites naturais. Mas o próprio *nómos* tem seu limite, e esse limite é dado pelo tempo, como mostra o famoso caso dos macrocéfalos.” (CAIRUS; RIBEIRO, 2015, p. 21)

um discurso de veio político — já anunciado, talvez, pela dedicação do tratado ao imperador — subjaz à prescrição vitruviana do ofício do arquiteto.



M. Vitruvii Pollionis *De architectura*, trad. para o Italiano por Cesare Cesariano,
1521 (1a. Ed., Institutum Getty Angelopolitanum)

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Leon Battista. **On the Art of the Building in Ten Books**. Tradução: Joseph Rykwert, Neil Leach, Robert Tavernor. Cambridge: MIT Press, 1988.
- BENCHIMOL, Jaime L. **Pereira Passos, um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.
- CAIRUS, Henrique F. & RIBEIRO, Tatiana Oliveira. Ares, Águas e Lugares. In: CAIRUS, Henrique F. & RIBEIRO, Wilson A. **Textos Hipocráticos: o doente, o médico e a doença**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.
- CAIRUS, Henrique F.; RIBEIRO, Tatiana Oliveira. Alguns olhares gregos sobre as estações do ano: a temporalidade e o etnocentrismo. **Revista Interfaces (UFRJ)**, v. 21, p. 13-29, 2015.
- CALLEBAT, Louis. La tradition vitruvienne au moyen âge et à la renaissance: éléments d'interprétation. **International Journal of the classical tradition**, Vol. 1, No.2, Fall 1994, p. 3-14.
- D'AGOSTINO, Mário Henrique Simão. **A beleza e o mármore: o tratado De Architectura de Vitrúvio e o Renascimento**. São Paulo: Annablume, 2010.
- D'AGOSTINO, Mário Henrique Simão. A obscuridade do arquiteto vitrúvio e a redação dos dez livros de arquitetura. **PosFAUUSP**, São Paulo, Brasil, n. 14, p. 26–47, 2003.
- HIPPOCRATES. **On the art of medicine**. Tradução: Joel E. Mann. Leiden: Brill, 2012.
- KURY, Lorelai Brilhante. **O império dos miasmas: a Academia Imperial de Medicina**. 1990. 171 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências, Humanidades e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1990.
- LEFAS, Pavlos. On the fundamental terms of Vitruvius' architectural theory. **Bulletin of the Institute of Classical Studies**, Vol. 44 (2000), p. 179-197, 2000.
- LIMA, Clóvis Antônio Benedini. **Destinos da arquitetura, segundo Vitrúvio**. 2020. 256 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

- MCMAHON, Jennifer A. Beauty as Harmony of the Soul: the aesthetic of the stoics. In: ROSSETTO, M.; TSIANIKAS, M.; COUVALIS, G.; PALAKTSOGLOU, M. (Org.) **Greek Research in Australia**: proceedings of the Eighth Biennial International Conference of Greek Studies, Flinders University June 2009. Adelaide: Flinders University Department Of Languages - Modern Greek, 2009. p. 54-63.
- PALLADIO, Andrea. **The Four Books on Architecture**. Tradução: Robert Tavernor, Richard Schofield. Cambridge: MIT Press, 2002.
- ROMANO, Elisa. Between Republic and Principate: Vitruvius and the Culture of Transition. In: **Arethusa**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2016.
- ROMANO, Elisa. **La capanna e il tempio**: Vitruvio o dell'architettura. Palermo: Palumbo, 1987.
- ROWLAND, Ingrid D.; BELL, Sinclair W. **Brill's companion to the reception of Vitruvius**. Leiden: Brill, 2024.
- SANCHES, Michael dos Santos & MARTINS, Paulo. De Sepvlchorvm Titvlis: o epigrama e o epitáfio no tratado De Re Aedificatoria de Leon Battista Alberti. **Classica** - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 37, p. 1 - 17, 2024. Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, Brasil. DOI: <http://doi.org/10.24277/classica.v37.2024.1074>
- VITORINO, Júlio César. Cidade e saúde: Vitruvius e a medicina filosófica. In: PEIXOTO, M. C. D. (Org.) **A saúde dos antigos**: reflexões gregas e romanas. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p. 217-228.
- VITORINO, Júlio César. Sobre a História do Texto de Vitruvius. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 11, n. 12, p. 33-50, dez. 2004.
- VITRUVIUS. **De l'Architecture**. Livre I. Tradução: Philippe Fleury. Paris: Les Belles Lettres, 1990.
- VITRUVIUS. **De architectura**. Tradução: Antonio Corso e Elisa Romano. Torino: Giulio Einaudi editore, 1997.
- VITRUVIUS. **Tratado de arquitetura**. Tradução, introdução e notas de M. Justino Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- VITRUVIUS. **On Architecture**: Books I-V. Tradução: Frank Granger. Cambridge: Harvard University Press, 1998.
- VITRUVIUS. **On Architecture**: Books VI-X. Tradução: Frank Granger. Cambridge: Harvard University Press, 1998.
- VITRUVIUS. **Ten Books on Architecture**. Tradução: Ingrid D. Rowland. New York City: Cambridge University Press, 1999.

VITRUVIUS. **The Ten Books on Architecture**. Tradução: Morris Hicky Morgan. New York City: Dover Publications, 1960.

ZAINALDIN, James Lockwood. 2020. 489 f. **Roman Technē**: The Growth and Structure of the Artes in the Early Roman Empire. Doctoral dissertation – Graduate School of Arts & Sciences, Harvard University, 2020.